

**O HORIZONTE VALORATIVO DO GÊNERO ENTREVISTA PINGUE-PONGUE: O PAPEL SOCIAL DO ENTREVISTADO\***

**THE CONCEPTUAL HORIZON OF THE GENRE PING-PONG INTERVIEW: THE SOCIAL ROLE OF THE INTERVIEWEE**

NÍVEA ROHLING DA SILVA\*\*

**RESUMO:** Neste artigo, temos por objetivo apresentar uma análise do horizonte valorativo-axiológico do gênero *entrevista pingue-pongue*, do jornalismo de revista. A fundamentação teórico-metodológica insere-se na teoria de gêneros do discurso e da análise dialógica do discurso do Círculo de Bakhtin. Os dados de pesquisa são compostos por entrevistas pingue-pongues publicadas nas revistas semanais *CartaCapital*, *ISTOÉ* e *Veja*, no período de 4 de outubro a 8 de novembro de 2006, época de cobertura do segundo turno das eleições presidenciais no Brasil. Destacam-se como resultados de pesquisa os índices sociais de valor materializados através do *papel social do entrevistado*. O *ethos* de entrevistado é outorgado aos leitores que possuem uma relação assimétrica com os demais leitores; eles são selecionados a partir de seu papel social, que os valida e os qualifica para assumir a posição de entrevistado. Assim, o fio condutor na entrevista é o entrevistado e seu discurso, que é “encharcado” de valoração, é desacreditado, contestado ou enaltecido. Essa valoração dada ao entrevistado concretiza-se através de *seu papel social*, que é validado pelas opiniões sociais, e pelos já-ditos sobre esse objeto (entrevistado).

**Palavras-chave:** horizonte valorativo; papel social do entrevistado; gênero entrevista pingue-pongue.

**ABSTRACT:** In the present article we aim at presenting and analysis of the conceptual horizon of the genre *ping-pong interview*, from magazine journalism. The theoretical methodological basis concerns the theory of speech genres and the theory of dialogical analysis of Bakhtin Circle. The research data is composed by the ping-pong interviews published on the weekly magazines *CartaCapital*, *ISTOÉ* and *Veja*, from October 4<sup>th</sup>. to November 8<sup>th</sup>., 2006, which corresponds to the period of the coverage of the second round of the presidential elections in Brazil. It is possible to highlight, as research results, the social indexes of value materialized through the social role of the interviewee. The *ethos* of interviewee is given to the readers that are in an asymmetric relation with the other readers; they are selected according to their social role, which validates and qualifies them to assume the interviewee’s position. Then, the guide line in the interview is the interviewee and his speech, which is “soaked” with valuation, disbelieved, contested or exalted. The valuation given to the interviewee materializes itself through his social role that is validated by the social “opinions” and by what had already been said about this object (the interviewee).

**Keywords:** conceptual horizon; interviewee’s social role; ping-pong interview.

---

\* Este trabalho é resultado dos estudos do Grupo de pesquisa: “Os gêneros do discurso: práticas pedagógicas e análise de gêneros” e do projeto - “Estudo dos gêneros do discurso jornalísticos: análises na perspectiva bakhtiniana da linguagem” ambos coordenados pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Rosângela Hammes Rodrigues (UFSC).

\*\* UFSC, Santa Catarina (RS), Brasil. <niveajoi@yahoo.com.br>.

## INTRODUÇÃO

Este artigo tem por objetivo apresentar uma análise do horizonte valorativo do gênero entrevista pingue-pongue, do jornalismo de revista. Para tanto, inicialmente, apresentaremos a descrição dos dados de pesquisa, precedida de breve exposição e justificativa do percurso metodológico escolhido para a análise dos dados. Em seguida, delinaremos brevemente o quadro teórico em que nos inserimos, apresentando conceitos centrais para a consecução do objetivo proposto, em especial, a noção de cronotopo e de índices valorativos dentro do escopo teórico da *Análise dialógica do discurso* e da *Teoria de gêneros do discurso do Círculo de Bakhtin*. Finalmente, apresentaremos as regularidades encontradas no processo de análise dos dados, evidenciando a valoração axiológica no gênero em questão a partir dos índices sociais de valor materializados através *do papel social do entrevistado*.

### 1. METODOLOGIA DA PESQUISA

Esta pesquisa insere-se nos estudos analíticos dos gêneros e está baseada na concepção bakhtiniana de linguagem, discurso, enunciado e gênero do discurso, tendo como ancoragem a *ordem metodológica de cunho sócio-histórico* proposto por Bakhtin [Volochínov] (2004) para o estudo da linguagem. Além disso, também optamos pela proposta metodológica de estudo de gêneros do discurso de Rodrigues (2001), cujas idéias estão ancoradas em Bakhtin. Seguindo a proposta da autora, partimos da análise da *dimensão social do gênero para posteriormente analisarmos sua dimensão verbal*. Essa proposta aponta para a necessidade de estudar, de antemão, os aspectos sócio-discursivos do gênero, ou seja, o auditório social, as condições de produção, a esfera social em que circula, para, só então, proceder à análise de suas regularidades linguístico-textuais, correlacionadas com as regularidades da situação de interação social. Entretanto, é importante salientar que esse procedimento de análise se justifica por questões metodológicas, tendo em vista que elas são dimensões indissociáveis na concretização do enunciado e, portanto, também na análise do gênero.

Os dados da pesquisa constituem-se de 52 (*cinquenta e duas*) entrevistas pingue-pongues<sup>1</sup>, publicadas em três revistas semanais de informação de circulação nacional: *CartaCapital*, *ISTOÉ* e *Veja*<sup>2</sup>, publicadas no período de 04 de outubro de 2006 a 08 de novembro de 2006, período de cobertura do segundo turno das eleições presidenciais no Brasil.

A opção pelo termo ‘entrevista pingue-pongue’, ou seja, da nomeação do gênero objeto de pesquisa ocorre em função da polissemia do termo *entrevista*, que pode indicar uma variedade de gêneros nomeados como tal (entrevista de emprego, entrevista médica, entrevista face a face etc.); além disso, esse é o termo mais recorrente na esfera de trabalho

---

<sup>1</sup> Para o presente artigo, selecionamos seis entrevistas para poder exemplificar a análise realizada do total dos dados (52 entrevistas).

<sup>2</sup> As revistas são referenciadas pelo nome tal como esse aparece em suas capas: *CartaCapital*, sem espaço entre as palavras; *ISTOÉ*, todo em letra maiúscula e sem espaço entre as palavras; e *Veja*, com a letra inicial maiúscula.

do jornalismo e, sobretudo, no jornalismo de revista, para identificar as entrevistas que apresentam textualmente a seqüência de perguntas e respostas resultado da reenunciação da entrevista face a face.

## 2. O HORIZONTE VALORATIVO: DEFINIÇÕES PRELIMINARES

O primeiro passo para a análise de um gênero, tendo como base teórico-metodológica a perspectiva dialógica da linguagem, é o estudo do seu cronotopo. A noção de cronotopia é apresentada, de forma mais sistematizada, por Bakhtin, nos seguintes textos: *O Cronotopo de Rabelais* (1998) e *O tempo e o espaço nas obras de Goethe* (2003). Mais que conceituar essa categoria, o autor aplica esse conceito à análise do gênero romance, porém, a nosso ver, ele igualmente pode ser aplicado à análise de outros gêneros, pois, de acordo com o autor, o cronotopo é a porta de entrada para a análise do gênero. Segundo Rodrigues (2005), cada gênero está situado em um diferente cronotopo: apresenta determinado horizonte espacial, temporal, temático e valorativo; possui diferentes finalidades ideológico-discursivas e tem distintas concepções de autor e destinatário (auditório social) da interação discursiva. Isso quer dizer que, mesmo os gêneros de uma mesma esfera sócio-discursiva, como os gêneros jornalísticos, têm constituição cronotópicas distintas, e, portanto, devem ser analisados em suas particularidades.

No gênero em questão, o horizonte valorativo-axiológico se sobressai aos demais horizontes (temporal, espacial e temático), logo, é a valoração axiológica que está “orquestrando” a entrevista pingue-pongue. O horizonte valorativo é também relevante nos demais gêneros, como, por exemplo, no artigo assinado, na carta do leitor ou no editorial. Entretanto, no que tange à entrevista pingue-pongue, podemos dizer que é a valoração axiológica que a faz “movimentar” na edição. Ao envolver o tema do gênero (o entrevistado e seu discurso), o horizonte valorativo, de certo modo, define: o espaço (seção) em que a entrevista deve estar “ancorada”; as perguntas e respostas que devem, de fato, ser publicadas; a extensão textual das entrevistas a serem publicadas, enfim, confere o “tom” apreciativo ao entrevistado e a seu discurso.

O horizonte valorativo-axiológico constitui-se de índices sociais de valor, que, segundo Bakhtin/Volochínov (2004), são elementos essenciais na constituição do signo ideológico; sem os índices valorativos, o signo nada mais é que uma “alegoria”, “objeto de estudo dos filólogos”, “signos ideológicos defuntos” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2004, p. 46). Segundo os autores, só pode ser considerado signo aquilo que já adquiriu um valor social, uma vez que “a cada etapa do desenvolvimento da sociedade, encontram-se grupos de objetos particulares e limitados que se tornam objeto de atenção do corpo social e que, por causa disso, tomam um valor particular” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2004, p. 44). Cada signo constituído possui um tema, que é a realidade que dá lugar à formação de um signo, e o tema, por sua vez, possui sempre um índice de valor social. Em todo signo ideológico, confrontam-se índices de valor contraditórios, e é justamente esse entrecruzamento dos índices de valor que torna o signo vivo e móvel. Dessa maneira, os índices sociais de valor são responsáveis pela constituição do signo, fazendo com que ele se movimente; é o que propõe Faraco (2003), ao afirmar que os diferentes índices sociais de valor se encontram e

se confrontam nos signos ideológicos, conferindo-lhes vida e movimento, caracterizando o universo da criação ideológica como uma realidade infinitamente móvel.

Com relação aos índices sociais de valor presentes na entrevista pingue-pongue, podemos dizer que eles não se manifestam tão somente nos “assuntos” abordados, materializam-se também no acabamento estilístico-composicional, que pode ser apreendido através *do lugar de ancoragem na revista* (seção de publicação); *do papel social do entrevistado*; *da extensão textual do gênero* e *do conteúdo semântico-objetual das perguntas e das respostas*. Tendo em vista a extensão da análise de todos esses índices de valor, delimitamos para este texto a apresentação da análise do *papel social do entrevistado*.

### 3. O PAPEL SOCIAL DO ENTREVISTADO

Um elemento fundamental na constituição dos índices sociais de valor, e que está interligado ao lugar de ancoragem da entrevista pingue-pongue na revista, é o papel social do entrevistado. De acordo com Bakhtin/Volochinov (2004, p. 112), “A palavra dirige-se a um interlocutor: ela é função da pessoa desse interlocutor; variará se se tratar de uma pessoa do mesmo grupo social ou não, se esta for inferior ou superior na hierarquia social, se estiver ligada ao locutor por laços sociais mais ou menos estreitos [...]”. O entrevistado, que na entrevista face a face<sup>3</sup> é interlocutor, passa a ser, na entrevista pingue-pongue, o próprio objeto do discurso. Em ambas as situações de interação discursiva, ele (o entrevistado) recebe valoração e julgamentos de valor e ao ser “escolhido” para fazer parte dessa interação discursiva (da entrevista face a face), ele passa a fazer parte, naquele momento, da esfera jornalística. Então, *a priori*, o entrevistado é um leitor a quem foi conferido o *status* de fazer parte da situação de interação social da entrevista face a face na posição de um dos co-autores do gênero; entretanto, apesar de estar participando da esfera jornalística, o entrevistado “fala” também a partir de seu “lugar social”; da esfera sócio-discursiva da qual ele se origina. Assim, ao pesquisar esse “lugar social de onde fala” o entrevistado, constatamos a inserção de entrevistados de diversas esferas sócio-discursivas: político-governamental, científico-acadêmica e artística.

Já na entrevista pingue-pongue, o entrevistado deixa de ser interlocutor do gênero<sup>4</sup>, uma vez que, nessa situação de interação discursiva, a interação ocorre entre o autor (ou

---

<sup>3</sup> A interação discursiva entre jornalista e entrevistado, que ocorre no momento da entrevista face a face, tanto pode ser reenunciada como *entrevista pingue-pongue* (objeto deste estudo), enunciado publicado em que a há a seqüência de pergunta e resposta; como pode ser reenunciada em forma de *discurso citado (reportado)* do entrevistado que é inserido em outro gênero (por exemplo, notícia, reportagem, etc.). No caso de inserção do discurso citado do entrevistado em outro gênero, esse discurso passa a fazer parte de outra situação de interação discursiva, com objetivos discursivo-axiológicos diferenciados dos da entrevista pingue-pongue.

<sup>4</sup> Essa questão remete à definição de autoria no gênero *entrevista pingue-pongue*; definição que se mostrou uma tarefa demasiadamente complexa, pois o fato de existir uma assinatura, no início ou no final da entrevista, não garante o conhecimento da “real” autoria. Esse tema extrapola os objetivos deste texto; uma análise mais aprofundada dessa questão pode ser encontrada em: Silva, N. R. da. *O gênero entrevista pingue-pongue: reenunciação, enquadramento e valoração do discurso do outro*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2007.

autores) da entrevista e o leitor. Embora não seja mais interlocutor e passe a constituir objeto do discurso do gênero, ainda assim, é atribuída ao entrevistado uma acentuada valoração, que pode ser positiva ou negativa, tendo em vista seu papel social, pois é justamente o entrevistado que se caracteriza como o “fio condutor” do gênero pesquisado. O *entrevistado e seu discurso são avaliados, re-acentuados e contestados*, pois “[...] todo discurso concreto (enunciação) encontra aquele objeto para o qual está voltado sempre, por assim dizer, já desacreditado, contestado, avaliado, [...] iluminado pelos discursos de outrem que falaram sobre ele” (BAKHTIN, 1988, p. 86).

Outro aspecto importante com relação à pessoa do entrevistado é a relação assimétrica que ocorre entre os participantes da interação, tanto na entrevista face a face, quanto na entrevista pingue-pongue. Na entrevista face a face, o entrevistado assume uma posição assimétrica em relação aos demais leitores, posição esta de “superioridade”, pois foi “selecionado” para participar dessa situação de interação discursiva; assim, constituir-se em um entrevistado significa tornar-se “público”. Além disso, também há uma relação assimétrica entre jornalista e entrevistado, tendo em vista que o papel social do entrevistado “determina” em grande parte o “tom” apreciativo das perguntas que são feitas a ele. Também na entrevista pingue-pongue, os entrevistados são “colocados”, pela esfera jornalística, em posição assimétrica em relação uns aos outros, já que o perfil do entrevistado das entrevistas nucleares difere sensivelmente do perfil dos entrevistados das entrevistas satélites.

O agrupamento do gênero em entrevistas *nucleares e satélites* se refere à seção em que o gênero se “aporta” dentro da edição da revista, ou seja, o lugar de ancoragem ideológica na revista. O critério para esse agrupamento foi estabelecido a partir da percepção de que, nas variadas “manifestações” do gênero nas edições pesquisadas, algumas entrevistas se encontram em uma posição de “independência” em relação aos demais gêneros e ocupam, nesses casos, uma página ou até mesmo uma seção, o que nos levou a nomear esse conjunto de entrevistas como *entrevista nuclear*. Já em outros casos, o gênero se encontra em posição de subordinação a outros gêneros em uma mesma página da revista e, conseqüentemente, em uma mesma seção; a esse conjunto, atribuímos o nome de *entrevista satélite*. As entrevistas pingue-pongues nucleares são publicadas nas páginas vermelhas e nas seções principais da revista *ISTOÉ*; nas páginas amarelas e seções principais da revista da *Veja* e em qualquer seção na *CartaCapital*; já as entrevistas pingue-pongues satélites<sup>5</sup>, a seu turno, são publicadas em seções diversas como, por exemplo, nas seções destinadas a columnismo social (Holofote (*Veja*) e Gente (*Veja*)), nas seções dedicadas a discutir “acontecimentos” políticos da semana (Brasil Confidencial (*ISTOÉ*) e nas seções que discutem comportamento, profissão, saúde, etc. (seção GUIA *Veja* (*Veja*)), onde a entrevista cumpre a tarefa de “completar” e/ou “reafirmar” outros enunciados, como reportagens ou resenhas de livros.

Nesse sentido, a primeira questão a ser discutida é a valoração axiológica que orienta a escolha dos entrevistados para as *entrevistas nucleares* como também para as *entrevistas satélites*. Em outros termos, o que deve ser levado em conta na escolha do entrevistado? Primeiramente, perguntamos a um jornalista os critérios para a seleção dos entrevistados

---

<sup>5</sup> As entrevistas pingue-pongues satélites não são publicadas pela revista *CartaCapital*.

para a seção de entrevista (entrevista nuclear), que é a que recebe uma valoração positiva em relação à pessoa do entrevistado.

Optamos por reproduzir na íntegra a resposta para que possamos, a partir daí, tecer algumas considerações:

*Pesquisadora:* Quais são os critérios para seleção de entrevistados “das páginas vermelhas”?

Qual o perfil dos entrevistados das “páginas vermelhas” da *ISTOÉ*?

*Jornalista Camilo Vannuchi:* As páginas vermelhas são dedicadas aos entrevistados que consigam conciliar duas coisas importantes: interesse público e conteúdo jornalístico. Trocando em miúdos, merece sair nas páginas vermelhas o entrevistado que, na visão dos jornalistas e editores, tiver coisa importante a dizer e, ao mesmo tempo, gerar interesse em um maior número de leitores. Isso acarreta uma série de sutilezas que devem ser levadas em conta. Uma pessoa que tenha enorme conhecimento sobre um assunto pouco interessante não estará nas páginas vermelhas. Também aquele que não tiver uma fala articulada terá seu caminho dificultado porque, por mais conhecimento que ele tenha, de nada adiantará se não conseguir transmiti-lo aos leitores. Também se buscam pessoas famosas – sejam elas celebridades da mídia ou profissionais de destaque em suas áreas – para que haja justamente maior interesse dos leitores. Como nem todo famoso tem algo de relevante a dizer e nem todo mundo que tem algo relevante a dizer desperta interesse nos leitores, a equipe da redação tem de estar o tempo todo avaliando todos os lados da moeda para definir sua pauta. O maior especialista em fontes alternativas de energia do Brasil pode ter mais conteúdo a compartilhar do que a *top model* mais famosa do mundo. Mas é provável que mais gente se interesse em ler qualquer coisa que sair da boca da modelo do que mergulhar em três páginas sobre as possibilidades do óleo de mamona e as dificuldades enfrentadas para viabilizar um projeto de captação de energia eólica no Nordeste brasileiro. Cabe à imprensa saber mesclar os dois perfis. Ou entender qual o espaço mais apropriado para cada um. O exercício é constante (VANNUCHI, 2006, grifo nosso).

Na perspectiva do jornalista, a escolha do entrevistado é um constante conflito para a editoria e para a equipe da redação da revista, pois a opção situa-se entre aquele que tem o que dizer (conteúdo jornalístico)<sup>6</sup> e aquele cuja própria personalidade lhe confere o *status* de estar em uma entrevista principal (por gerar interesse público). Ao afirmar que “Cabe à imprensa saber mesclar os dois perfis. Ou entender qual o espaço mais apropriado para cada um [...]”, o jornalista dá a entender que há espaços diferenciados que devem ser “preenchidos” a partir de uma análise que, sem dúvida alguma, envolve julgamentos de valor a respeito do entrevistado e de seu papel social. Na contradição entre optar pelo entrevistado que oferece interesse público (celebridades da mídia ou personalidades de destaque) e o que propicia “conteúdo jornalístico” (pessoas que tenham algo a dizer), na maioria das vezes, nas entrevistas nucleares, opta-se pelo entrevistado que tenha “conteúdo jornalístico”. Tendo em vista o fato de se tratar de uma entrevista mais densa (ocupando cerca de 3 páginas), ela precisa “render”<sup>7</sup>, ou melhor, ter consistência de conteúdo. Já com relação aos entrevistados cuja própria personalidade propicia o interesse público, observamos que a esses são “reservadas” as entrevistas “curtas”, ancoradas em “espaços” menos privilegiados; com menor destaque, caracterizando as entrevistas satélites.

---

<sup>6</sup> A expressão *conteúdo jornalístico* tem origem na esfera sócio-discursiva do jornalismo e mostra-se um tanto vaga quando se refere ao conteúdo semântico-objetual da entrevista.

<sup>7</sup> Trata-se de um jargão jornalístico. Quando se diz que uma entrevista “rendeu” quer dizer que foi possível “capturar”, na interação face a face, informações que podem constituir um denso conteúdo jornalístico.

A valoração axiológica com relação ao entrevistado pode ser melhor visualizada na contraposição entre o perfil do entrevistado da entrevista nuclear e o perfil do entrevistado da entrevista satélite, em que podemos verificar os julgamentos de valor que “regem” as opções realizadas pela editoria da revista<sup>8</sup>.

A contraposição dos papéis sociais dos entrevistados é apresentada na tabela 1. *Entrevistados das entrevistas pingue-pongue nucleares*

*Entrevistados das entrevistas pingue-pongue nucleares*

- Cientista - esfera acadêmica e científica
- Economista - esfera acadêmica e científica
- Editora de revista - esfera jornalística
- Escritor - esfera artística/intelectual
- Filósofo - esfera intelectual e acadêmica
- Político (presidente, ministros, candidatos à presidência, presidente de partidos políticos) - esfera política e governamental
- Professor universitário e vencedor do prêmio Nobel da Paz - esfera acadêmica
- Roteirista de cinema americano - esfera artística

*Entrevistados das entrevistas pingue-pongue satélites*

- Artista da mídia televisiva - esfera do entretenimento
- Autores de livros de *best-sellers* - “esfera de auto-ajuda”
- Empresário- esfera da indústria e do comércio
- Parente de pessoas “famosas” (políticos e artistas) - esfera familiar
- Psicólogo - da esfera do trabalho
- Político - esfera política

Tanto a revista *ISTOÉ* quanto a revista *Veja* optam por publicar, nas entrevistas nucleares que possibilitam “aprofundamento de conteúdo jornalístico”, pois, ao trazer cientistas, políticos eminentes, economistas, etc., as revistas optam por entrevistados que, aparentemente, têm algo “substancioso” a dizer. Uma particularidade percebida, mas que não constitui uma regra, é o procedimento da revista *Veja*, que ocupou todas as edições pesquisadas com entrevistados estrangeiros; já a revista *ISTOÉ*, por seu vez, publicou apenas 1 (uma) entrevista com um cientista norte-americano. Assim, observamos que os entrevistados das entrevistas nucleares são vistos pela editoria da revista (e também pelo leitor) como indivíduos que possuem um alto grau de formação acadêmica e cuja atuação profissional apresenta uma certa projeção social; portanto, a “fala” desses entrevistados torna-se objeto de interesse e de credibilidade.

A revista *CartaCapital*, por sua vez, tenta causar um efeito de sentido ao não valor aparentemente o entrevistado do gênero, pois concede a todos os mesmos espaços

---

<sup>8</sup> Os dados inseridos na tabela no item das entrevistas nucleares referem-se a entrevistas publicadas nas revistas *CartaCapital*, *Veja* e *ISTOÉ*, já os relativos a entrevista satélite dizem respeito as revistas *Veja* e *ISTOÉ*, uma vez que a *CartaCapital* não publica entrevistas satélites.

(entrevistas que ocupam páginas duplas nas edições da revista), além disso todas têm aproximadamente a mesma extensão textual, todas são assinadas por seus autores, enfim, não percebemos, em um primeiro momento, entrevistas pingue-pongues valoradas diferentemente dentro de uma mesma edição. Assim, parece não haver valoração negativa em relação aos entrevistados, como ocorre nas demais revistas, contudo, a tentativa de não valorar pode ser entendida como um efeito de sentido, uma vez que a valoração sempre existe, mas a maneira de materializá-la é que se diferencia, tendo em vista que no gênero entrevista pingue-pongue em que o objeto do discurso é o entrevistado, esse objeto já se apresenta “valorado” por discursos alheios. Dessa forma, nas entrevistas da revista *CartaCapital*, a valoração se semiotiza no perfil dos entrevistados, que são “selecionados” criteriosamente: todos apresentam um elevado grau de formação acadêmica e científica<sup>9</sup>, constituem-se em formadores de opinião, enfim, são autores de livros, acadêmicos, cientistas, filósofos. Nesse sentido, os entrevistados escolhidos corroboram o perfil da revista, já que é esta considerada, na esfera jornalística, uma revista crítica e politizada<sup>10</sup>.

Em se tratando da publicação das entrevistas pingue-pongues satélites, o perfil dos seus entrevistados distancia-se do perfil “intelectualizado” daqueles das entrevistas nucleares. As entrevistas satélites são reservadas aos entrevistados que não têm um “denso conteúdo jornalístico”, em outras palavras, não têm muito a dizer. Nesses casos, busca-se, prioritariamente, evidenciar/explorar o entrevistado ou publicar denúncias de escândalos (moral, financeiro, político). Esses entrevistados são, geralmente, um artista famoso que está, naquele momento, tendo um destaque especial da mídia; alguma “celebridade instantânea”; um “parente” de alguém famoso; um profissional ou especialista cuja “fala” “completa” ou “reafirma” uma reportagem; um “anônimo” (empresário, motorista de um político famoso, ex-mulher de políticos ou artistas, etc.) que esteja fazendo a denúncia de um “escândalo”.

Para demonstrar essa valoração axiológica atribuída à entrevista A ou B, tendo em vista o papel social do entrevistado, podemos traçar um comparativo entre entrevistas pingue-pongues publicadas em uma mesma edição. Por exemplo, na edição n.º. 1980 da revista *Veja*, são publicadas duas entrevistas: a) a entrevista satélite com a atriz da Rede Globo, *Carol Castro* (*Veja*, n. 43, 2006)<sup>11</sup>, que se encontra na seção Holofote, e que ocupa um dos menores espaços de uma entrevista, a saber, uma coluna pequena, menos da metade da página. Nessa entrevista, há pouco “conteúdo”, pois a proposta é evidenciar o entrevistado e não o que ele tem a dizer; b) nas páginas amarelas, ou seja, na seção de entrevista, encontra-se publicada uma entrevista nuclear de três páginas com o historiador americano e também conselheiro do presidente Bush, *Eliot Cohen* (*Veja*, n. 43, 2006), que discorre sobre a problemática envolvendo os EUA e o Oriente Médio. Ao compararmos os

---

<sup>9</sup> Diríamos até que o grau de “erudição” dos entrevistados da *CartaCapital* excede o dos entrevistados das páginas vermelhas e das páginas amarelas, tendo em vista o aprofundamento jornalístico das entrevistas.

<sup>10</sup> A visão da revista crítica e politizada se dá em virtude da linha editorial da revista ser considerada, na esfera do trabalho do jornalismo, como uma revista que faz oposição política às demais revistas semanais de informação (*Época*, *ISTOÉ* e *Veja*).

<sup>11</sup> A referência das entrevistas citadas nesta análise será mencionada somente na primeira menção à entrevista em discussão.

perfis de ambos os entrevistados, os espaços a eles destinados e os julgamentos de valor a eles atribuídos, através do conteúdo do enunciado<sup>12</sup>, fica evidente a diferença valorativa que se estabelece a partir da “imagem” pré-figurada do conteúdo jornalístico desenvolvido pelos entrevistados. Assim, atribui-se à entrevistada da entrevista satélite uma valoração negativa e ao entrevistado da entrevista nuclear uma valoração positiva.

Além de influenciar a escolha do espaço (seção) em que a entrevista será inserida, o papel social do entrevistado define também o jornalista que será responsável pela entrevista face a face. Segundo Vannuchi (2006), qualquer repórter<sup>13</sup> pode fazer uma entrevista, desde que se sinta confortável para isso, contudo, dependendo do assunto e da pessoa entrevistada, é comum repórteres iniciantes se sentirem intimidados. Da mesma forma, é pouco provável que a revista “escalasse” um estagiário para entrevistar o presidente da República (VANNUCHI, 2006). Essa posição do jornalista se confirma através das entrevistas nucleares com os candidatos à Presidência da República no segundo turno das eleições, Lula e Alckmin (ISTOÉ, n. 1928, 2006). As duas entrevistas foram realizadas (e assinadas) por editores da revista *ISTOÉ*, Marco Damiani (editor executivo) e Rudolfo Lago (editor especial)<sup>14</sup>; já as entrevistas satélites realizadas, por exemplo, *Carol Castro* e *Helena Moraes* (Veja, n. 41, 2006) são assinadas por repórteres; outras nem mesmo recebem a assinatura “tácita”<sup>15</sup> de um jornalista, como no caso das entrevistas satélites com *Juliana Vendramini* (Veja, n. 43, 2006), *Harv Eker* (Veja, n. 41, 2006) e *Maria Alice Vergueiro* (Veja, n.39, 2006).

A materialização da reverência (ou irreverência) à pessoa do entrevistado, tendo em vista seu papel social, e que marca a relação hierárquica entre jornalista e entrevistado, encontra-se nas escolhas lexicais do autor da entrevista, portanto, no acabamento estilístico do enunciado. Esse acabamento estilístico, que confere apreciação valorativa à pessoa do entrevistado, materializa-se: a) na forma de tratamento, com a modalização do discurso através do uso dos pronomes de tratamento; b) na transposição da variante lingüística do entrevistado. Verificamos entrevistas demasiadamente formais no que diz respeito ao tratamento com o entrevistado e, em outros casos, entrevistas exageradamente informais. Um exemplo de tais escolhas lexicais pode ser observada na comparação entre as entrevistas com o governador do estado de Minas Gerais, *Aécio Neves* (Veja, n.40, 2006) e a entrevista com a ex-modelo *Monique Evans* (Veja, n.40, 2006), ambas publicadas na edição de 10/10/06 da revista *Veja*:

(1)

Perguntas feitas ao governador Aécio Neves

O senhor foi reeleito com 77% dos votos em Minas Gerais, mas Geraldo Alckmin, seu candidato à presidência a república, teve só 40% dos votos dos mineiros. O senhor não conseguiu transferir votos?

<sup>12</sup> O conteúdo semântico-objetual das perguntas e das respostas não será detalhado neste artigo.

<sup>13</sup> Adotamos o termo *jornalista* para nos remeter o entrevistador, mas as revistas, por vezes, utilizam o termo ‘repórter’ para designar a pessoa responsável pela entrevista face a face.

<sup>14</sup> A informação de que ambos os profissionais eram editores da revista *ISTOÉ* na ocasião da publicação das entrevistas foi obtida através de consulta ao *site* da redação, disponível em: <http://www.terra.com.br/istoe/>, acesso em 20de maio de 2007.

<sup>15</sup> Utilizamos o termo ‘tácita’ porque, às vezes, os nomes dos responsáveis aparecem, de forma genérica, para toda a seção em que está inserida a entrevista.

[...]

O senhor é candidato à presidência da república em 2010?

[...]

O senhor sempre teve uma boa relação com o presidente Lula?

(2)

Perguntas feitas à ex-modelo Monique Evans

Você tem medo de ficar para tútia?

[...]

Você não recebe mais tantas cantadas?

[...]

O uso dos pronomes ‘senhor’ (exemplo 1) e ‘você’ (exemplo 2) revelam a atitude valorativa do jornalista frente ao entrevistado. Enquanto o entrevistado revestido pela “aura” de autoridade (governador) suscita no jornalista uma atitude cerimoniosa e respeitosa, a entrevistada, que figura como o “protótipo da ex-modelo cinquentona”, impulsiona o jornalista a estabelecer uma situação de intimidade, que se materializa pelo uso do pronome ‘você’ e também pelo “tom” das perguntas, as quais adentram questões referentes à vida pessoal da entrevistada. Essas escolhas lexicais além de produzirem um “efeito de intimidade”, conferem um tom coloquial à entrevista que passa a se assemelhar a um simples “bate-papo” entre amigos em um ambiente informal. Essa modalização confere à última entrevista um “tratamento” menos formalizado e mais corriqueiro. Tanto o uso do pronome ‘senhor’ quanto o de ‘você’ são orientados pelo papel social do entrevistado, que interfere diretamente nas perguntas feitas a ele, bem como na maneira de enunciá-las ou modalizá-las, conferindo à entrevista um caráter mais formal ou informal em função do entrevistado e da “imagem” dele que se pretende projetar.

Ainda sobre a modalização do discurso citado da entrevista face a face na entrevista pingue-pongue, é também fundamental analisar a variação lingüística presente nas entrevistas. Bakhtin (1998, p.105) afirma que “[...] a estratificação da linguagem, em gêneros, profissões, [...], diferentes falas e línguas, ao entrar no romance ordena-se de uma maneira especial”, ou ainda, que ao trazê-las (as vozes outras e as variações lingüísticas) ao texto, o autor está colocando-as sob sua perspectiva (ângulo de valor)<sup>16</sup> para servir a esse propósito discursivo; trata-se de “[...] discursos já povoados pelas intenções sociais de outrem, obrigando-os a servir às suas novas intenções, a servir ao seu segundo senhor [o autor do enunciado, ou o propósito da revista]”. Nesse sentido, a variação lingüística “exposta” na entrevista caracteriza um caso de plurilingüismo, de discurso bivocal, pois a variação apresenta-se como índice de uma outra visão de mundo (outro horizonte apreciativo), diante da qual o jornalista se distancia.

Assim, quando o autor introduz a linguagem coloquial, trata-se de um índice valorativo que aparece de maneira mais saliente nas entrevistas que são valoradas negativamente; já nas entrevistas cujos índices de valor são positivos, o discurso do entrevistado é reenunciado observando a norma padrão escrita. Essa observação vai ao encontro dos resultados de pesquisa de Oliveira (2002) sobre a relação entre modalidade oral e modalidade

---

<sup>16</sup> Esse é um exemplo de enquadramento do discurso alheio, assim “enquadrar” um discurso significa valorar.

escrita nas entrevistas das revistas *Caros Amigos* e *Veja*. Segundo Oliveira (2002, p. 113), “As entrevistas das páginas amarelas da revista *Veja* aproximar-se-iam da escrita; embora permaneça o par pergunta/resposta, a edição é tal que se apagam todos os traços de oralidade e de contexto situacional”<sup>17</sup>.

No exemplo 2, o uso dos termos ‘títia’ e ‘cantada’ remetem ao coloquialismo lingüístico, mas, mais do que isso, trazem com eles acentos de valor depreciativos, pois, segundo o pensamento do Círculo de Bakhtin, as palavras aportam no nosso discurso “vindas” não do sistema da língua, mas de outros enunciados, onde elas têm acento de valor. Além disso, a entrevista se encerra com a seguinte pergunta ao leitor (não à entrevistada): “*Você acha que ela embagulhou?*”, ou seja, utiliza-se uma palavra extremamente coloquial (embagulhou), com um acento de valor depreciativo, “beirando à vulgaridade”, para fazer referência à entrevistada. Em síntese, o índice do papel social do entrevistado relaciona-se a seguinte afirmação de Bakhtin/Volochínov: “A situação e os participantes mais imediatos determinam a forma e o estilo ocasionais da enunciação” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2004, p. 114).

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procuramos, neste trabalho, apresentar a análise do horizonte valorativo-axiológico do gênero entrevista pingue-pongue, do jornalismo de revista tendo como enfoque a discussão *do índice de valor materializado no papel social do entrevistado*. Nesse sentido, o entrevistado e seu discurso constituem-se objeto do discurso, e por isso a valoração axiológica se sobressai, uma vez que esse entrevistado já vem envolvido em um “fundo” aperceptivo dos discursos alheios. Segundo Bakhtin (1998, p. 86), o objeto (o entrevistado) “está amarrado e penetrado por idéias gerais, por pontos de vista, por apreciações de outros e por entonações”. Contudo, não é qualquer pessoa que possui o *ethos* de entrevistado; essa “posição” é “outorgada” aos leitores que possuem uma relação assimétrica com os demais leitores; eles são “selecionados” a partir de seu papel social, que os valida, enfim, qualifica-os para assumir a “posição de entrevistado”.

O “fio condutor” na entrevista é o entrevistado e seu discurso, em outras palavras, o que interessa, de fato, nesse gênero, é o entrevistado, cujo discurso, através do enquadramento feito pelo autor, é “encharcado” de valoração, é “desacreditado”, é “contestado” ou “enaltecido”. Essa valoração dada ao entrevistado concretiza-se através de *seu papel social*, que é validado pelas “opiniões” sociais, e pelos já-ditos sobre esse objeto (entrevistado). O que nos remete à metáfora de “discurso-raio”, utilizada por Bakhtin (1998) para explicar a orientação sobre o objeto do discurso:

Se representarmos a *intenção*, isto é, a *orientação sobre o objeto* de tal discurso pela forma de um raio, então nós explicaremos o jogo vivo e inimitável de cores e luzes nas facetas da imagem que é construída por elas, devido à refração do ‘discurso-raio’ não no próprio objeto (como o jogo de imagem-tropo do discurso poético no sentido restrito, na ‘palavra isolada’),

<sup>17</sup> Neste trabalho, a autora se refere à entrevista pingue-pongue como “O gênero entrevista na imprensa escrita” e concebe esse gênero como *continuum* entre as modalidades oral e escrita da língua.

mas pela sua refração naquele meio de discursos alheios, de apreciações e de entonações através do qual passa o raio, dirigindo-se para o objeto. A atmosfera social do discurso que envolve o objeto faz brilhar as facetas de sua imagem (BAKHTIN, 1998, p. 87, grifo do autor).

Semelhantemente ao efeito de um raio, a atmosfera social do discurso que envolve o objeto faz brilhar as facetas de sua imagem; da mesma forma, os discursos que envolvem o entrevistado fazem com que os já-ditos sobre ele se intensifiquem, tenham ressonâncias ideológicas, constituindo a imagem da “personalidade fútil”, do “político ético ou inescrupuloso”, do “especialista” que é voz de autoridade, etc. Trata-se de discursos “outros” sobre o objeto do discurso, cujas ressonâncias ideológicas se tornam intensas e “tensas”.

---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, M. (1998). *Questões de literatura e estética: a teoria do romance*. Tradução do russo por Forni Bernarni et al. 4. ed. São Paulo: Hucitec/Ed. UNESP.
- \_\_\_\_\_. (2003). *Estética da criação verbal*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes.
- BAKHTIN, M.; VOLOSCHÍNOV, V. N. (2004). *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução do francês por Michel Lahud e Yara F.Vieira 11. ed. São Paulo: Hucitec.
- FARACO, C. A. (2003). *Linguagem & Diálogo: idéias lingüísticas do círculo de Bakhtin*. Curitiba: Criar edições, 2003.
- OLIVEIRA, A. T. P. de. (2002). O gênero entrevista na imprensa escrita e sua relação com as modalidades da língua. *Idade média*, São Paulo, v.1, p. 111-116, 2002.
- RODRIGUES, R. H. (2001). *A constituição e o funcionamento do gênero jornalístico artigo: cronotopo e dialogismo*. Tese de doutorado. LAEL. Pontifícia Universidade Católica. São Paulo, 2001.
- \_\_\_\_\_. (2005). Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin. In: Meurer, José Luiz; Bonini, Adair; MOTA-ROTH, Désirée. (Orgs.). *Gêneros: teorias, métodos e debates*. São Paulo: Parábola Editorial, p. 152-183.
- SILVA, N. R. da. (2007). *O gênero entrevista pingue-pongue: reenunciação, enquadramento e valoração do discurso do outro*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis.

## REFERÊNCIA DOS DADOS DE PESQUISA

- VANNUCHI, C. (2006). *A entrevista pingue-pongue no jornalismo de revista*. Entrevista concedida via e-mail em 12 set. 2006.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS DOS DADOS DE PESQUISA

- EKER, Harv. É preciso pensar como rico. *Veja*. São Paulo: Editora Abril, ano 39, n. 41, 18 de out. 2006.
- EVANS, Monique. Quero alguém embagulhando. *Veja*. São Paulo: Editora Abril, ano 39, n. 40, 11 de out. 2006.

NEVES, Aécio. Só voltar a ser oposição salva o PT. *Veja*. São Paulo: Editora Abril, ano 39, n. 40, 11 de out. 2006.

MORAES, Helena. Lula não terá meu perdão. *Veja*. São Paulo: Editora Abril, ano 39, n. 41, 18 de out. 2006.

VENDRAMINI, Luciana. Eu sou terrível. *Veja*. São Paulo: Editora Abril, ano 39, n. 43, 01 de nov. 2006.

VERGUEIRO, Maria Alice. O pulo da pantera. *Veja*. São Paulo: Editora Abril, ano 39, n. 39, 04 de out. 2006.

Recebido: 03/12/2008

Aceito: 05/05/2010